

# Legado clássico no Renascimento e sua recepção:

contributos para a renovação  
do espaço cultural europeu

Nair de Nazaré Castro Soares,  
Cláudia Teixeira (Coords.)

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

**FREI LUÍS DE GRANADA: UM CLÁSSICO RENASCENTISTA COM  
PROJEÇÃO NA MODERNIDADE - O SEU CONTRIBUTO PARA O  
SENTIDO UNIVERSAL DO HUMANO**  
(Fray Louis of Grenade: a classic in the Renaissance and his relevance to the  
Modern Times - His contribution to the universal meaning of Human being)

ANA ISABEL CORREIA MARTINS (anitaamicitia@hotmail.com)  
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra

RESUMO – O venerável padre dominicano, mestre de oratória e eloquência, Frei Luís de Granada (1504-1588) foi um afamado humanista no panorama renascentista, viveu em Portugal ininterruptamente durante mais de quarenta anos, em resposta ao convite do Cardeal Infante D. Henrique, Arcebispo de Évora. O Dominicano foi um intelectual comprometido na busca pela síntese do pensamento, tão ao gosto do seu tempo. Nascido Luís de Sarria viria a ser reconhecido como um pregador assertivo, político sincero, teólogo mordaz e filósofo insatisfeito, atributos que justificam um percurso eclético e consistente bem como uma produção epistémica ampla, diversificada e polifónica. A sua produção literária e de espiritualidade apresenta um largo espectro, incluindo desde os princípios da teologia cristã até à filosofia pagã. Em particular, as obras latinas – *Collectanea Moralis Philosophiae*, *Silva Locorum* e *Rhetorica Ecclesiastica* – emancipam-se de uma natureza meramente espiritual e de um programa catequético-doutrinária para apresentarem, preferencialmente, um itinerário de Retórica e de Filosofia ético-moral, na senda do sentido universal do Humano. O presente trabalho tem por objetivo reconstituir, sumariamente, o percurso biográfico do autor, enquadrando-o nas movimentações do seu tempo; analisar a sua produção latina, em particular, a sua *Collectanea Moralis Philosophiae*, reconhecendo a presença e projeção deste Clássico na modernidade.

PALAVRAS-CHAVE – Literatura de Sentenças, Filosofia moral, Recepção da Antiguidade Clássica, Retórica.

ABSTRACT – The venerable Dominican priest, a master of oratory and eloquence, Fray Louis of Grenade (1504-1588) was a recognizable humanist in the renaissance landscape. He lived in Portugal uninterruptedly during forty years, answering the invitation made by Cardinal Infant D. Henrique, archbishop of Évora. The Dominican was an intellectual engaged in a process of synthesis of epistemic thought. He was born Luis de Sarria and would be known as an astonishing preacher, sincere politician, a scathing theologian, dissatisfied philosopher, all qualities that justify an eclectic and consistent development, and also a polyphonic epistemic production. His literary and spiritual production presents a very large *spectrum*, from theological principals of Christianity to pagan philosophy. In particular, Latin works such as *Collectanea Moralis Philosophiae*, *Silva Locorum* e *Rhetorica Ecclesiastica*, emancipate a spiritual nature and a catechetical-doutrinary program in order to construct an itinerary of morality, looking for a universal sense of Human being. The present paper aims to re-

construct the author's biography, framing it in a few controversies of his time and also to analyse the Latin production and the *Collectanea Moralis Philosophiae*, in particular, recognizing the projection of this classicist in Modern times.

KEYWORDS – Sententious Literature, Moral Philosophy, Reception of Classical Antiquity, Rhetoric.

## I. FREI LUÍS DE GRANADA: UM PERFIL HUMANISTA E A SUA DEVOÇÃO CLÁSSICA

«The humanists had to face the problems of truth in their discussions of straight philosophical and especially of moral problems which they considered to be a part of their legitimate domain».

Paul Oskar Kristeller

Sob o pórtico da máxima terenciana *homo sum: humani nihil a me alienum puto*<sup>1</sup>, as *humaniores litterae* e os *studia humanitatis* foram conduzidos pelos humanistas no sentido da formação integral e enciclopédica do indivíduo, assentes na certeza de que a *dignitas*, a *libertas*, a *humanitas* e a *uirtus* são as condições mais idóneas e inalienáveis ao Homem, através das quais ele se relaciona com os outros e se redimensiona no mundo.

O venerável padre mestre dominicano Frei Luís de Granada dedicou, laboriosamente, toda a sua vida a esta demanda, na incansável procura pelo sentido universal, imperecível e essencial do Humano, fundando os seus ideais humanistas na Literatura de Espiritualidade<sup>2</sup>. Deste modo, se reconstituirmos alguns dos principais traços biográficos do Dominicano confirmamos que este sempre se pautou pela mundividência do seu tempo, sempre comungou dos mesmos anseios e enriqueceu um legado inconsútil, do qual hoje somos todos subsidiários.

Nasceu Luís de Sarria, a 31 de Dezembro de 1504, numa casa no Realejo, porta defronte para a Igreja de S. Domingos, em Granada. Em 1524, quando escolheu a vida eclesiástica no convento de Santa Cruz, abdicou do patronímico de Sarria a favor do topónimo de Granada e em 1529 ingressaria no Colégio Mayor de San Gregorio de Valladolid, onde cursara Teologia até 1534. Frei Luís de Granada revelou, desde cedo, uma vocação religiosa, afinada pelos valores afetivos, com a consciência de que só por intermédio da prática e do exercício permanentes da virtude nos poderemos superar e progredir individualmente.

Ao longo dos anos, a sua nobreza de carácter e a exemplaridade de conduta difundiram-se como principais traços de personalidade e não tardou até que

---

<sup>1</sup> Terêncio, *Heautomorumenos* v.77 - «Sou Homem e por isso nada do que é humano me pode ser alheio».

<sup>2</sup> Martín Ramos 2003: 5-147.

chegasse aos ouvidos do Cardeal Infante D. Henrique (1512-1580) e Arcebispo de Évora o afamado nome granadino. Na senda do bem espiritual dos seus diocesanos, o Cardeal pediu autorização à *ordo praedicatorum* para que Frei Luís se mudasse para Portugal. Em resposta a esse convite, Frei Luís escolhe Portugal como segunda morada onde vivera, ininterruptamente, até morrer em 1588, durante mais de quarenta anos. Com apenas 43 anos o Dominicano era já provincial do Convento da Batalha, função que desempenhou com brio reconhecido e mérito incontestável<sup>3</sup>.

Frei Luís de Granada despertou também a admiração e o respeito da corte, que lhe permitiram beneficiar de alguns privilégios régios na divulgação da sua obra literária. Esta confiança foi ainda extensível a vários convites para desempenhar funções eclesiásticas mas o dominicano Francisco Simonet elucida a este respeito: «Siendo confesor de la Reina D. Catalina, viúda de Juan III y hermana del Emperador Carlos V, se le brindo con el Arzobispado de Braga, honra que declino el ilustre dominicano, como lo había hecho antes con el Arzobispado de Viseo y más tarde con el capelo cardenalicio, cuando en Octubre de 1572 cesó Fray Luís en el cargo de provincial, recogiese al convento de Santo Domingo de Lisboa»<sup>4</sup>. Sabemos, assim, que Frei Luís de Granada declinara este arcebispado de Braga como também o fizera com o de Viseu, à luz do argumento de que as suas preocupações e interesses intelectuais se centravam cada vez mais no estudo dos autores clássicos e, fundamentalmente, da tratadística retórica, traços que enformam e esculpem um percurso literário bem demarcado<sup>5</sup>. Outras vezes sublinham a sua humildade e falta de ambição por estas responsabilidades de teor político-eclesiástico, ainda que fosse sempre comprometido com o seu tempo e com a sociedade coeva<sup>6</sup>.

O interesse pela oratória, na Espanha desta altura, foi de tal forma manifesto que ao longo do Século de Ouro, imprimiram-se vários tratados sobre a *Ars Praedicandi* e *Ars Scribendi*, e a Retórica Eclesiástica de Frei Luís de Granada converteu-se no corolário deste acervo<sup>7</sup>. O seu *Libro de la oración y meditación* é

---

<sup>3</sup> «Durante su prelación floreció la religión y se reformaron los costumbres y prospero su ordene en reino con nuevas fundaciones», Francisco Javier Simonet y Baca 1889: nº55. Jornal consultado no espólio da Universidade Complutense em Madrid com a cota FA16635.

<sup>4</sup> *Ibidem*.

<sup>5</sup> «Habría que considerar, ante todo, la modalidad de vida en Fray Luis, bueno y sencillo, deja hacer y se niega a admitir las mercedes que se le ofrecen. Su temperamento era fino, delicado, lo que el más amaba era el trabajo intelectual. Trabajaba de la mañana a la noche.», Azorín (Martínez Ruiz, José) 1961: 23.

<sup>6</sup> Barbosa Machado 1965: 110 (vol.I): «Era imposible aceptar aquella dignidad por ser superior a sus merecimientos e insoportable para sus hombros».

<sup>7</sup> Amate Blanco 1988: 153: «La obra en la que fray Luís expone sus ideas sobre el estilo es su Retórica Eclesiástica. Si en ella se refiere a la oratoria, sus opiniones son perfectamente extensibles al resto de su producción literaria»; vide ainda este propósito López-Muñoz 2010; sobre *Ars Scribendi* vide Soares 1992: 153-169.

um exemplo de êxito comprovado da sua atividade pregadora, se atendermos às suas oito publicações, só no primeiro ano de edição.

Toda a produção espiritual e literária deste venerável mestre é concebida à luz da dicotomia limitação humana *versus* grandeza divina, numa simbiose entre a matriz da filosofia pagã e os pressupostos da teologia cristã, revelando ao nível dos *uerba* uma estilística marcada pelas simetrias e contrastes, paralelismos e gradações, depurados em sentenças breves e assertivas, ricas no seu substrato doutrinário e ideológico<sup>8</sup>. No que concerne a *res*, o *topos* central é o da natureza humana: «es complicado todo este problema de la Naturaleza y del instinto. Es complicado y eterno. Es el problema nunca resuelto de la libertad y de los límites de la libertad, de la espontaneidad y de la norma, de la intuición y de la razón»<sup>9</sup>.

O Dominicano é admirado não só pelo conhecimento profundo que exhibe de todas as nuances e complexidades da natureza humana, das suas luzes e sombras, como também pelo domínio proficiente da palavra, sábia, eloquente, simples mas fortificadora da virtude e da sabedoria. A sua influência sobre os seus contemporâneos e vindouros foi igualmente expressiva, veja-se o exemplo de Santa Teresa de Ávila<sup>10</sup>: «ante el lenguaje, es evidente que si el fraile dominico ejerce magisterio sobre ella es porque la doctrina de sus escritos era presentada de manera accesible a la comprensión de las monjas carmelitas. El padre Granada era hombre no solo culto, sino verdaderamente docto, parecerá conversar afablemente con su lector»<sup>11</sup>.

Ainda a propósito da sua presença e pervivência nos séculos seguintes, é oportuno referir um manual pedagógico de Calixto Hornero, intitulado *Elementos de Retórica* publicado em 1815. Esta obra apresenta uma estrutura comparativa de exemplos de Cícero a par dos exemplos de Frei Luís de Granada, designado como o epíteto de “Cícero cristão”<sup>12</sup>. O autor da obra tece o seguinte comentário a propósito de Frei Luís de Granada:

«y qué grande se ofrece à nuestra consideración este orador insigne, si meditamos un momento sobre el fondo hermosísimo de sus castizas sermones. Qué conocimiento tan profundo de Dios y del ser humano! Qué filosofía tan consoladora, y qué nobleza en el pensar y qué acierto en el discurrir! Sus sermones

---

<sup>8</sup> Amate Blanco 1988: 149; vide a propósito dos *res et verba* Soares 1993: 377-410.

<sup>9</sup> Azorin (Martínez Ruiz, José) 1944: 36.

<sup>10</sup> Santa Teresa de Ávila demonstra a sua admiração numa carta, datada de 1575 a propósito da fundação do convento de *Villanueva de la Jara* e nas suas *Constituciones* que podemos encontrar na edição de Félix Garcia 1967, 4<sup>o</sup>vol: 732-33 e ainda 606 e 632; vide Rico Seco 1986: 85-107.

<sup>11</sup> Amate Blanco 1988: 151.

<sup>12</sup> Esta obra foi lida por altura de uma deslocação de investigação à Biblioteca da Universidade Complutense e encontrámo-la na Faculdade de Veterinária, o que nos despertou muito interesse e merece um estudo mais apurado.

son libros llenos de sabiduría, donde el hombre aprende à conocer la grandeza de Dios y su grandeza, que es pequeñez junto a la de su creador»<sup>13</sup>.

Igualmente inegável e surpreendente é o êxito que as obras do Dominicano conheceram ao longo dos séculos XVII, XVIII, traduzidas em diversas línguas, lidas por toda a Europa, havendo mesmo indícios de que terão chegado edições integrais ao Novo Mundo, onde terá sido apreciado com semelhante deleite e fruição<sup>14</sup>.

## II. A MUNDIVIDÊNCIA LITERÁRIA DO DOMINICANO: A TRÍADE RETÓRICA, PEDAGOGIA E FILOSOFIA MORAL

«Con todo merecimiento, pues, podemos decir de fray Luís que es el más universal y también el mejor escritor latino de la Granada renacentista, si atendemos a la cantidad y calidad de su producción y – lo que es más importante – a la proyección de su obra»<sup>15</sup>»

José González Vázquez

A versatilidade da sua escrita – tanto em latim como em vernáculo – espelha profundidade filosófica, vivacidade retórica, clareza e sobriedade estilísticas, formalizadas na concisão do *genus sententiarum*<sup>16</sup>. Frei Luís de Granada une a firmeza e tenacidade do pensamento, à coerência das ideias e à desenvoltura do discurso, na frescura de um texto que transmite as verdades mais complexas e universais do Humano.

As suas obras apresentam um espectro amplo e multifacetado e, metodologicamente, podem ser divididas em obras Portuguesas, Latinas e Castelhanas. Destacamos de entre as suas obras portuguesas o *Compêndio da Doutrina cristã* (1559) assim como treze pregações das principais festas de Cristo e da sua Santíssima (1595). As obras castelhanas revelam um escopo consideravelmente mais lato<sup>17</sup> e no que diz respeito à identificação das obras latinas, somos conduzidos a extrapolar questões meramente metodológicas para aferirmos questões de cariz estético-doutrinário<sup>18</sup>.

<sup>13</sup> Calixto Hornero 1815: 35.

<sup>14</sup> Agustín Turrado 1993: 159; Borges 2009: 137.

<sup>15</sup> González Vázquez 1996: 317-341

<sup>16</sup> Azorin (pseud. José Martínez Ruiz) 1958: 145.

<sup>17</sup> *Libro de la Oración y meditación* (1554), *Recopilación breve del Libro de la Oración y meditación* (1574), *Dos meditaciones para antes e después de la Sagrada Comunión* (1554), *Guía de Pecadores* (1556), *Oraciones y Ejercicios de Devoción* (1557), *Manual de Oraciones* (1559), *Memorial de lo que debe hacer el Cristiano* (1561), *Tratado de Oraciones Vita Christi* (1561), *Adiciones al Memorial* (1574), *Introducción del Símbolo de la Fe* (1583), *Doctrina espiritual* (1589). Sobre o estudo detalhado das obras de espiritualidade de Frei Luís de Granada, vide Maria Idalina Resina Rodrigues (1988).

<sup>18</sup> Este facto legitima Maria Idalina Rodrigues a não contemplar, detalhadamente, as obras latinas do Dominicano.

O seu percurso doutrinal segue três direções: textos de oração, páginas catequéticas e obras apologéticas<sup>19</sup>, regendo-se pelos contornos do misticismo, uma das correntes mais relevantes na encruzilhada epistémica humanista, da segunda metade do século XVI. A obra de espiritualidade do Dominicano desenvolve-se sempre na esteira da relação do Homem com Deus, articulada nesta graça divina, que é uma missão redentora e que direciona para a revelação da verdadeira sabedoria, numa caminhada progressiva no sentido da consolidação dos escrúpulos e da retidão de carácter<sup>20</sup>.

O exercício interior é vivificante da alma, regenerador do ânimo, consolidando de forma lúcida a pedra angular da vida: a virtude. Este itinerário de aprendizagem e superação está reflectido no *Libro de Oración y Meditación*<sup>21</sup>: «Hermosa y excelente en sí misma la virtud aproxima al hombre a Dios, por muchos y variados motivos que constituyen otras tantas razones que exhortan a su ejercicios; y Granada lo recuerda con relativa frecuencia, y prosiguiendo en una escala de virtudes que en la doctrina de Granada empieza en la humildad y culmina en la caridad atenía al Cristiano la distancia que lo separa del Creador»<sup>22</sup>.

Reconhecemos desta forma que a classificação das obras dominicanas não se detém apenas na distinção entre as composições em vernáculo ou em latim, radica antes na natureza, nos propósitos e nas funções das obras. A produção latina desperta, em particular, a nossa atenção por revelar uma matriz vinicamente clássica, numa tríade constituída pela *Rhetorica Ecclesiastica* e *Silva Locorum* e a *Collectanea Moralis Philosophiae*<sup>23</sup>.

A *Rhetorica Ecclesiastica* sai à luz em 1576, dedicada à Universidade de Évora e apresenta-se como um manual eminentemente técnico e de instrução pedagógica aos futuros pregadores<sup>24</sup>. Este tratado, publicado por *Antonius Riberius*, acolhe a preceptística retórica clássica, rentabiliza-a e adapta-a às necessidades do púlpito, definindo o perfil desejável de qualquer orador cristão, à luz da eloquência de Cícero e Quintiliano<sup>25</sup>. Azorin afirma o seguinte acerca deste tratado de Retórica:

---

<sup>19</sup> Rodrigues 1988: 582.

<sup>20</sup> Amate Blanco 1992 (4): 42-45.

<sup>21</sup> O exemplar do *Libro de la Oración y Meditación* de Frei Luís de Granada, reeditado em Lisboa pelo prelo de António Alvarez, em 1602 pertence ao espólio da Biblioteca Joanina da Universidade de Coimbra com a referida cota 3-6-13-24.

<sup>22</sup> Rodrigues 1988: 116.

<sup>23</sup> Poza López 1992 (4): 102-107.

<sup>24</sup> *Ecclesiasticae rhetoricae siue de ratione concionandi libri sex, nunc primum in lucem editi, Authore R.P.F. Ludovico Granatense... Olyssipone, Exc. Antonius Riberius, expensis J. Hispani bibliopolae, Anno Domini, 1576*, traduzida e comentada por López Muñoz 2009. Vide ainda o estudo sobre a Retórica Eclesiástica de Herrero Salgado 1993: 265-302

<sup>25</sup> A propósito do estilo ciceroniano em Frei Luís de Granada vide Switzer 1927 e ainda Calixto Hornero 1815.

«La Retórica de Fray Luis es uno de los más admirables libros de estética que conocemos; los más hondos e interesantes temas modernos – el problema del romanticismo y del clasicismo, por ejemplo; el problema de la intuición y de la reflexión – están en esa obra planteados con toda claridad y reiteradamente [...] el libro, por su importancia, por su hondura estética merece estar en manos de oradores y literatos, es moderno, profundamente moderno. La constante preocupación de fray Luís en su Retórica es el problema de la emoción en el arte»<sup>26</sup>.

Em 1582 publicam-se os *Silva Locorum qui frequenter in concionibus occurrere solent, omnibus diuini uerbi concionatoribus; cum primis utilis & necessaria in qua multa tum ex ueterum Patrum sententiis collecta*, um repertório de tópicos também orientadores da *ars praedicandi*, ao serviço da *inuentio* de textos patrísticos. A edição *princeps* sai à luz pelo prelo do impressor de Lyon, Petrus Landry, e nesta obra Frei Luís de Granada abdica dos textos profanos, reunindo apenas sentenças de autores cristãos, enriquecidas com os seus próprios comentários pessoais<sup>27</sup>.

Juntamente com a *Collectanea Moralis Philosophiae*, estas três obras latinas formam um grupo uno e coeso pois apresentam traços comuns, complementares e comungam de um mesmo objetivo: a formação integral e enciclopédica do *ethos* na interface entre a Retórica, a Filosofia e a Moralidade.

<b>Triade Latina</b>	Precept Clássica	Precept. Profana	Patrística Católica	Coment. Pessoais	Função pregadora	Teor filosófico-moral	Guia espiritual	<i>Loci communes</i>
<b>C.M.P</b>	+	+	-	-	-	+	-	+
Silva Locorum	-	-	+	+	+	+	+	+
Rhetorica	+	+	+	+	+	+	+	+

Quadro sistematizador dos principais traços da tríade latina

Sendo um dos nossos principais objetivos lançar um olhar minucioso sobre a produção latina do Dominicano não poderá ficar subestimada a sua produção epistolar, que conhecemos graças à edição esmerada do Padre Álvaro Huerga<sup>28</sup>. Esta correspondência escrita não só em latim mas também em espanhol e italiano divide-se em cartas privadas – na esfera da literatura criativa, tornando-se uma importante fonte documental e biográfica – e cartas literárias, que compilam

<sup>26</sup> Azorin (pseud. José Martínez Ruiz) 1944: 24; vide a propósito Herrero Salgado 1993: vol I, 265-302.

<sup>27</sup> Valverde Abril 2012: 1178: «La *Collectanea* fue la primera obra de ese ambicioso proyecto en aparecer publicada. Con el paso del tiempo este vasto programa se completó con la publicación de la *Silva locorum*, otra colección de igual finalidad que la *Collectanea*, pero en la que se aducen textos patrísticos y de las sagradas escrituras» Valverde Abril 2012: 1178.

<sup>28</sup> Álvaro Huerga 1973.



vários prefácios a obras e encómios. Lembremos ainda que a primeira obra latina de Granada, publicada em 1565, em Lisboa por Francisco Correa foi um breve tratado sobre o bispo ideal, *De officio et moribus episcoporum*, baseado num sermão que ele próprio pregara na consagração episcopal do seu amigo António Pinheiro e que surge no mesmo volume juntamente com o *Stimulus pastorum* de Frei Bartolomeu dos Mártires<sup>29</sup>. Este tratado sobre a ética do bispo-governante reflete a influência erasmista, na qual Frei Luís de Granada afina tantas vezes o seu diapasão da mesma forma que se inspira também na de Séneca e Cícero<sup>30</sup>.

Ao constatar-mos toda esta diversidade da produção granadina, há que ter presente a ressalva de Manuel López Muñoz a respeito da sua natureza multimodal: «pero esto no nos puede llevar a pensar que haya un Luís de Granada de primera fila y un Luís de Granada de segunda, sino más bien, que existen dos vertientes paralelas en el intelectual, vertientes con un público muy definido para cada una de ellas y que, en consecuencia, le exigen al autor la expresión en una lengua u otra»<sup>31</sup>.

### 2.1. A *Collectanea Moralis Philosophiae*: as suas dialécticas ético-morais

«The essential reward of virtue is virtue itself which makes man happy. For human nature cannot attain anything higher than virtue. The opposite applies to vice»<sup>32</sup>.

Em 1571, pelo prelo de Francisco Correa, sai à luz a *Collectanea Moralis Philosophiae in tres tomos distributa: quorum primus selectissimas sententias ex omnibus Senecae operibus. Secundus ex moralibus opusculis Plutarchi: Tertius clarissimorum principum & philosophorum insigniora apophthegmata, hoc est, dicta memorabilia complectitur*<sup>33</sup>, obra que voltará a ser reimpressa em 1582 em Paris<sup>34</sup>,

---

<sup>29</sup> Frei Luís de Granada redigiu a biografia de Fr. Bartolomeu dos Mártires numa fase já tardia da atividade do venerável padre. Vide a este propósito Rodrigues 1987: 327-349.

<sup>30</sup> González Vázquez, 1996: 317-341: «pero a todas estas influencias reformistas pre y pos tridentinas en esta obra del padre Granada hay que añadir otra de profundo contenido humanístico clásico: me refiero a la indudable presencia de la doctrina moral senequista sobre la educación del príncipe en todo este tratado, desde el punto de vista estilístico, talvez sea este opúsculo donde el influjo de le elocuencia ciceroniana alcanza su más alto grado de realización.»

<sup>31</sup> López-Muñoz 1993: 591-601; \_\_, 1996: 289-306.

<sup>32</sup> Kristeller 1961: 136.

<sup>33</sup> *COLLECTANEA MORALIS PHILOSOPHIAE in tres tomos distributa; quorum primus selectissimas sententias ex omnibus Senecae operibus; secundus ex moralibus opusculis Plutarchi; tertius clarissimorum & philosophorum insigniora apophthegmata hoc est dicta memorabilia complectitur... / collector F. Ludouico Granatensi, monacho dominicano: excudebat Franciscus Correa, MDLXXI., Olisippone.*

<sup>34</sup> *COLLECTANEA MORALIS PHILOSOPHIAE IN TRES TOMVS DISTRIBVTA quorum primus selectissimas sententias ex omnibus Senecae operibus, secundus ex moralibus opusculis Plutarchi, tertius classimorum principum et philosophorum insigniora Apophthegmata hoc est dicta memorabilia complectitur quae omnia per communes locos digesta sunt ut studiosus lector*

e em 1775 em Valência<sup>35</sup>. No que concerne à edição desta obra, temos de referir uma carta de D. João endereçada ao secretário Zayas, datada de 12 de junho de 1571, na qual é mencionada explicitamente uma obra granadina descrita da seguinte forma: «Al pe. Fray Luís avise que partía este correo. No escribe à V. S. hasta estar acabado de imprimir das Sentencias de Plutarco. Enviame á decir que no le falta sino el postrer pliego»<sup>36</sup>. Os herdeiros de Matías Gast em 1579 terão imprimido várias obras do Dominicano de entre as quais a designada *Collectanea de Séneca y Plutarco*<sup>37</sup>. Levantam-se, de imediato, duas questões: corresponderão estas sentenças de Séneca e Plutarco à integralidade do primeiro e segundo tomos ou terão sofrido desenvolvimentos e alterações quando se intitula *Collectanea Moralis Philosophiae*? Para respondermos a estas e outras questões associadas teríamos de desenvolver um trabalho filológico aturado e não reunimos aqui nem espaço nem tempo oportunos. Em todo o caso, comprovam e legitimam a inesgotabilidade de leituras e estudos que esta *Collectanea Moralis Philosophiae* oferece.

F. Buisson, no seu *Répertoire des Ouvrages pédagogiques du XVI<sup>e</sup> siècle*, contempla duas obras do Dominicano: a *Collectanea* e os *Sylva Locorum*. Curiosamente, no *index rerum* deste *Répertoire* e de entre as várias tipologias de classificação – *ouvrages de mnémotechnie, ouvrages d'art épistolaire, de poésie morale, d'apophtegmes et de proverbes, ouvrages d'encyclopédie et divers* – a *Collectanea* é inserida na taxonomia “des ouvrages de dialectique et philosophie”<sup>38</sup>. Como iremos ter oportunidade de constatar, o edifício conceptual da *Collectanea* constrói-se sobre os fundamentos da filosofia estoica e tendo por base o desdobramento de várias dialéticas a partir de *bona & mala, uera & falsa, uirtus & uitium*. Por sua vez, estas duas obras pedagógicas referidas por Buisson inserem-se na tendência da historiografia humanista que visa a educação de príncipes – *Speculum principis* – mas com a ânsia de inspirar igualmente o comportamento dos cidadãos, que são o espelho dos *exempla* dos governantes. Perguntamo-nos legitimamente sobre qual será a idiosincrasia desta obra enciclopédica e deste repositório sentencioso no seu panorama literário. González Vázquez esclarece-nos:

---

*quid in quouis argumenti genere sibi commodum fuerit inuenire facile queat collectore F. Luduovico Granatensi monacho Dominicano, Apud Guilielmum Chaudiere via Iacobaea sub insigni Temporis & Hominis syluestris, cum privilegio regis M.D. LXXII, Parisiis.*

<sup>35</sup> COLLECTANEÁ MORALIS PHILOSOPHIAE IN TRES TOMVS DISTRIBVTA per communes locos digesta collectore F. Luduovico Granatensi monacho Dominicano accedit Joh. Bapt. Munnozi Valentini De Scriptorum Gentilium lectione et profanarum disciplinarum studiis ad Christianae pietatis normam exigendis PROLUSIO, ex praelo Josephi et Thomae de Orga Superiorum Permissu, MDCCLXXV, Valentiae.

<sup>36</sup> J. Cuervo, O.P., 1906, tomo XIV: 67.

<sup>37</sup> Lázaro Sastre 1993: 61.

<sup>38</sup> No *Index Rerum Granatensis* aparece referenciado nas obras de “Dialectique et Philosophie”, vide Buisson 1968: 333.

«Restringiéndonos a su producción latina, cualquiera de sus obras es un buen exponente de ello, pero así como los principios éticos que deben – según el – inspirar el comportamiento del gobernante, tanto eclesiásticos como civil, en pocos de nuestros autores renacentistas a tan alto grado una interrelación entre su obra castellana y la latina, así como entre su obra teórica y su producción escrita. [...] la *Collectanea Moralis Philosophiae* es una obra un tanto peculiar dentro de la producción de fray Luís: un libro de temas de filosofía moral o de antropología ética, consistente es un rico repertorio de citas de autores clásicos para uso de los predicadores. Se trata de un grueso volumen dividido en tres partes independientes, dedicadas la primera a Séneca, la segunda a Plutarco y la tercera a una serie de autores antiguos y modernos, desde Cicerón a Erasmo»<sup>39</sup>.

A *Collectanea Moralis Philosophiae* teria sido uma obra concebida e amadurecida, desde os tempos de formação em Valladolid e por altura dos seus estudos em Filosofia Moral, que agora são meticulosa e amadurecidamente estruturados e organizados<sup>40</sup>. Podemos acreditar que muitos dos autores acolhidos na *Collectanea* provêm de leituras diretas – seja o caso de Cícero, Séneca, Plínio, Suetónio, Valério Máximo. No entanto, notando-se a presença de autores tão alheios à mundividência hispano-portuguesa do Dominicano temos de assumir a possibilidade de terem sido provenientes de fontes indiretas e da leitura de tantas coletâneas, florilégios, que proliferavam na Europa de quinhentos<sup>41</sup>.

O Dominicano, ciente da epístola senequiana (1.6,5) – *Longum iter est per praecepta, breue et efficax per exempla* – segue o exemplo o Virgílio das abelhas, tão agraciado entre os humanistas e tão orientador dos seus métodos filológicos: devemos reunir conhecimentos das mais variadas lições para posteriormente separar, selecionar e organizar por lugares comuns<sup>42</sup>. Assim, todos os autores acolhidos na *Collectanea* – a partir de diferentes níveis de intertextualidade – apresentam uma síntese de pensamento: assimilam várias influências, compatibilizando todos estes valores de matriz pagã reajustados à religiosidade católica, e não deixam de corresponder e reformar os anseios renascentistas<sup>43</sup>.

---

<sup>39</sup> González Vázquez, 1996: 317-341.

<sup>40</sup> Jereczek, 1971: 135-138.

<sup>41</sup> Vide a este respeito López Poza 1990: 61-76.

<sup>42</sup> «Apes, ut aiunt, debemus imitari, quae vagantur et flores ad mel faciendum idoneos carpunt. Deinde quidquid atulere disponunt ac per favos differunt et (ut Vergilius noster ait) liquentia mela stipant et dulci distendunt nectare cellas. Nos quoque has apes debemus imitari et quaecunque ex diversa lectione congegimus separare: melius enim distincta servantur», in carta introdutória ao *pío ac benevolo lectori* da *Collectanea Moralis Philosophiae*.

<sup>43</sup> «a Luis de Granada estaba reservado fundir de manera más decisiva la herencia de interioridad del erasmismo con muchas otras tradiciones antiguas o recientes, pero, sobre todo, con una tradición dominicana de oración mental que venía de Savonarola», in Marcel Bataillon, 1966: 594.

No primeiro tomo da obra, estão coligidas sentenças de Séneca<sup>44</sup> - PRIMVS TOMVS COLLECTANEORVM MORALIS PHILOSOPHIAE, QVI SELECTISSIMAS SENTENTIAS EX OMNIBVS SENECAE OPERIBVS PER COMMVNES LOCOS DIGESTAS, CONTINET- acolhidas a partir das *Epistulae ad Lucilium*, das *Naturales quaestiones*, *De prouidentia*, *De paupertate*, *Consolatio ad Martiam*, *De tranquillitate animi*, *De beneficiis*, *De clementia*, *De otio*, *De breuitate uitae*.

O segundo tomo fica reservado para os apotegmas de Plutarco - ALTER TOMVS COLLECTANEORVM MORALIS PHILOSOPHIAE, QVI SELECTISSIMAS SENTENTIAS EX OMNIBVS OPVSCVLIS MORALIBVS PLVTARCHI EXCERPTAS, EX PER COMMVNES LOCOS DIGESTAS, CONTINET – extraídos a partir de mais de trinta tratados morais como o *De exilio*, *De doctrina principum*, *De liberis educandis*, *De fortuna et uirtute Alexandri*, *De uirtute morum*, *De doctrina uirtutis*, *Politica*, *De profectu morum*, *De docenda uirtute*, *De uitiosa uerecundia*, *de uirtute et uitio*, *De cupiditate diuitiarum*, *de amicitia in multos diffusa*, *de odio et inuidia*, *de cohibenda iracundia*. Plutarco, designado por “breviário do século”<sup>45</sup>, tornou-se um dos autores mais lidos e assimilados no Renascimento, defensor do ideal de educação como principal fonte de virtude, instituído nos tratados pedagógicos de educação de príncipes<sup>46</sup>.

O terceiro tomo, por sua vez, apresenta uma natureza mais plural, sendo uma miscelânea dentro da própria coletânea, congrega sentenças de autores clássicos e contemporâneos do Dominicano. De entre autores antigos podemos enumerar Cícero (*De natura deorum*; *de legibus*; *de senectute*, *Tusculanae*), Aristóteles (*Rhetorica*), Eusébio de Cesareia (*Historia Ecclesiastica*), Diógenes Laércio (*De uita et moribus philosophorum*), Apuleio (*De Mundo*), Suetónio (*De Caesarum uita*), *Stobaeus (sententiae ex thesauris graecorum delectare*<sup>47</sup>), e ainda Séneca e Plutarco que continuarão a ser citados neste III tomo. Quanto aos autores medievais e coevos a Frei Luís de Granada temos Erasmo (*Apophthegmata*, *Proverbia*), Baptista Fulgoso – *Campofulgoso (Factorum et dictorum memorabilium)*; Nicephorus Callisto (Vicentius de Madius) com a sua *Ecclesiastica Historia*; Antonio Beccadelli (conhecido por Panormita) com o seu *De dictis et factis Alphonsi regi*, Guido Bituriensis, Filippo Beroaldo com o seu *Opusculum de terrae motu*, Aeneas Silvio Piccolomini (*Comentaria de rebus Alphonsi*), Prisciano, Pontano, Macróbio, Jerónimo Osório, Francesco Patrizi Senensis, Rudolfo Agricola, entre tantos outros – *COLLECTANEORVM*

<sup>44</sup> González Vázquez 1997: 653-656.

<sup>45</sup> Sobre a tradução, edição e receção de Plutarco no Renascimento vide Aulotte 1965: 19.

<sup>46</sup> Faure 1960; Ribeiro Ferreira 2008.

<sup>47</sup> Pertencente ao espólio da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra com a cota RB-40-8.

*MORALIS PHILOSOPHIAE QVI SELECTISSIMA APOPTHTHEGMATA AD RECTAM VITAE INSTITVTIONEM CONDVCENTIA CONTINET; EX CLARISSIMIS AVCTORIBVS, QVI HAC DE RE SCRIPSERVNT, COLLECTA ET IN LOCOS COMMVNES DIGESTA*<sup>48</sup>.

A obra sugere através desta estrutura ternária várias abordagens e oferece diferentes possibilidades de estudo e de leitura. Se podemos estudar o que vários autores referem sobre o mesmo *topos*, numa perspetiva mais diacrónica, é igualmente possível analisarmos os princípios de um determinado autor perpassando os vários *themata* – perspetiva sincrónica.

Não é de somenos importância a carta introdutória que Granada dirige ao seu *pío ac benevoló lectori* – redigida em latim – na qual expõe as suas intenções literárias, apresenta as motivações pessoais, explica as suas escolhas metodológicas, confessa os seus gostos e preferências e clarifica os intuítos conducentes à seleção, organização e *dispositio* da obra. Ouçamos, então, algumas dessas palavras do autor no que diz respeito à metodologia e conceção da obra:

*Cum uero intelligerem uerum esse, quod eleganter quidam ait, lectione orationem pinguescere, eumque sermonem maxime probari, qui uariis grauissimorum autorum sententiis refertus sit, decreui (quantum mihi per alias occupationes liceret) non sacras literas modo, sed, quod, in euangelica etiam parabola dicitur, uetera et noua patrum uolumina percurrere, ut selectissimas undecumque sententias colligerem, et per communes locos digerem, quo in promptu et ueluti ad manum in quouis argumento genere quaerenti praesto essent.*

Tendo assim percebido claramente o que é verdadeiro, o que se pronuncia com elegância, o que enriquece o discurso e o sermão e que é demonstrado pela lição, a partir de variadas sentenças dos mais ilustres autores, decidi (na medida do que me é lícito de entre todas as outras ocupações) recorrer não só aos livros sagrados e às parábolas do evangelho mas também aos volumes antigos e novos dos Padres, de forma a coligir a partir das mais diferentes proveniências as mais seletas sentenças, distribuindo-as por lugares comuns, para assim estarem ao alcance e à mão de quem quer que pesquise sobre qualquer assunto.

Frei Luís confessa as suas preferências e justifica as suas escolhas pelos dois vultos luminares, entre os latinos Séneca e entre os gregos, o autor de Queroneia, Plutarco:

*Hactenus Augustinus. Huius igitur tanti uiri consilium sequutus, ex Philosophis*

---

<sup>48</sup> Valverde Abril 2012: 1183: «Ante tal variedad de autores citados hay quienes postulan la hipótesis de que Fray Luis de Granada tuvo a su disposición una nutrida biblioteca y aquilató con sus variadas y vastas lecturas una cultura amplísima, corroborada por el testimonio de sus coetáneos y la existencia inapelable de sus obras».

*omnibus, qui de moribus et recta uitae institutione monumenta aliqua posteritati relinquerunt, duos potissimus (qui uelut duo moralis philosophiae lumina sunt, nempe ex latinis Senecam, ex graecis Plutarchum) mihi praecipue diligendos putauit, quos studiose perlegerem, et insigniores eorum sententias, uelut amoenissimas flores carperem, et in calathis, hoc est, in locis communibus distincte reponerem, quo et quid isti uiri de uirtutibus uelut spectandum proponerem.*

Portanto, seguindo o conselho deste grande homem (Santo Agostinho), de todos os filósofos que terão deixado para a posterioridade alguma produção escrita sobre os costumes de uma vida reta e justa, considero dois em particular faróis luminares da filosofia moral, a saber: dos latinos Séneca e dos gregos Plutarco. Penso que deveriam estes ser eleitos, preferencialmente, para que sejam lidos inteiramente e detendo a nossa atenção de forma demorada, sentenças até aqui dispersas e agora reunidas e compiladas em lugares comuns, colocando a par o que os homens opinaram de forma clarividente sobre virtudes e vícios. Proponho estes pareceres para estudo e deixo este espólio à consideração dos leitores.

Ainda relativamente ao método e à *dispositio* da obra, o autor acrescenta:

*His etiam apophthegmata (hoc est, clarissimorum philosophorum et principum dicta, quae insigniora mihi uisa sunt) eodem ordine, iisdemque locis ad nectenda putauit, propterea quod haec non longis ambabigus, sed arguta breuitate, et dicentium auctoritate, facile et oblectant animos, et uitam instituunt. Hoc igitur opus quod pro rerum uarietate in tres tomos diuisimus, hac breuiori forma edendum curauimus, ut hac formula excussus, uelut quidam selectissimarum sententiarum thesaurus, non ad uitae solum institutionem, sed ad oblectamentum quoque studiorum accommodatus, in sinu semper gestaretur, et omni tempore, omnique loco, tanquam leuis sarcina, ad manum inueniretur.*

Também os apotegmas (isto é, os ditos mais insígnies dos mais ilustres príncipes e filósofos) pensei que os devia organizar pela mesma ordem e pelos mesmos lugares comuns, isto é, não com largos e desenvolvidos circunlóquios mas com a mais breve e pungente assertividade e com a autoridade daqueles que os proferem. Por um lado deleitam facilmente os ânimos e por outro instruem a vida. Assim, esta obra, dada a variedade de temas, foi dividida em três tomos, preocupámo-nos que viesse à luz dotada de uma estrutura breve, como se fosse um tesouro das mais seletas e apropriadas sentenças não só para a formação da vida mas também para deleite conveniente dos estudos, que se transporte sempre no bolso, como uma leve bagagem, em qualquer circunstância e em qualquer lugar.

*Hos autem locos, quo res esset dilucidior, in tres classes distinximus, in quarum prima tituli ad uarios personarum status pertinentes, ab ipso Deo optimo maximo exordium*

*capientes, collocantur. In secunda uero uirtutum et uitiorum illis aduersantium loci reponuntur. In tertia uero quaedam alia peregrina, quae non ita cum superioribus cohaerebant, collocata sunt. Quia uero christiana religio theologicis uirtutibus principem locum inter omnes alias merito tribuit (de quibus uix ulla apud ethnicos auctores mentio fit) ideo pro illis, uirtutes quasdam theologicarum et cardinalium uirtutum series retineretur.*

Para que o assunto fosse mais elucidativo, estes lugares comuns foram separados em três categorias, no primeiro dos quais se colocaram títulos que se atêm a vários estados de pessoas, começando por Deus todo-poderoso; no segundo colocaram-se os lugares correspondentes às virtudes e vícios que se opõem; no terceiro estabeleceram-se matérias várias que não casavam com aquelas mais excelsas. Posto que a religião cristã prioriza em primeiro lugar de entre todas as virtudes as teológicas (sobre as quais se faz uma breve menção junto dos autores pagãos) substituímos por outras afins às teológicas e seus vícios correlatos para que se retenha as virtudes teológicas e cardiais.

Antes ainda de nos adiantarmos para a leitura da estrutura interna da *Collectanea Moralís Philosophiae*, é pertinente referir a preferência granadina pela corrente filosófica estoíca e pelos autores referidos em particular Séneca e Plutarco. As suas obras ascéticas e místicas espelham já tonalidades estoícas, seja no segundo capítulo do *Guia de pregadores* (1555) ou na *Introdução ao Símbolo da Fé* (1582) favorecendo a ideia de que a natureza nos dotou de um desejo instintivo e de uma natural predisposição para o conhecimento e para a descoberta do lado mais obscuro e secreto<sup>49</sup>. Assim, o sábio apenas consegue aproximar-se de Deus, se tiver sempre os melhores modelos diante dos seus olhos, de forma a ser guiado pela virtude até à felicidade. No entanto, a virtude não é um fim em si mesmo como advogavam os Estoícos, na medida em que consiste apenas num meio para nos encaminharmos para um bem supremo. Preferencialmente, esta *Collectanea* apresenta-se como um manual prático da *actio* e de fácil acesso e rápido manuseio, no fundo, é um tesouro de sentenças, escrupulosamente escolhidas de forma a abarcar tantos temas quantos os que se prendem umbilicalmente com as dimensões humanas.

Ainda que seja compreensível a evocação do estoicismo senequiano, foram muitos os autores que nele se inspiraram e contribuíram, de forma significativa e inalienável, para o ecletismo filosófico da doutrina estoíca<sup>50</sup>. A este propósito Nair de Nazaré Castro Soares afirma: «Séneca, proclamado cristão por vários padres da Igreja incluindo S. Jerónimo, que considerou genuína a sua correspondência com S. Paulo, foi um dos principais elos de ligação da cultura

---

<sup>49</sup> Sobre a presença de Séneca e do Estoicismo na produção espiritual, mística e ascética do Dominicano, vide d'Angers 1976: 106-124.

<sup>50</sup> Moreau (dir.) 1999: 11-29; 94-117.

medieval com a cultura antiga»<sup>51</sup>. A demanda senequiana propõe a harmonia entre os homens e o divino e os grandes pilares da cosmologia estoica assentam no monismo, o panteísmo, na expressão e presença do divino em tudo quanto existe e o princípio da imanência.

Da mesma forma, Plutarco foi um dos autores mais lidos, traduzido, comentados e assimilados no Renascimento, igualmente defensor do ideal de educação como principal fonte de virtude. Este autor foi particularmente caro na tratadística de educação de príncipes ou não esqueçamos a ênfase que o humanista de Roterdão dá a Plutarco no seu *Intitutio principis christiani* sendo Granada um estudioso afã de ambos os autores.

A *Collectanea* ao apresentar sentenças e apotegmas de autores clássicos, medievais e modernos, permite-nos problematizar relativamente aos níveis de intertextualidade da obra, pois sabendo que o Dominicano lera Séneca no original, a mesma certeza não temos em relação a Plutarco. Em abono da verdade, Frei Luís era um autor assíduo de Erasmo, acolhe-o na sua obra mas mais do que isso, revela conhecer o seu trabalho filológico<sup>52</sup>. Para comprovar o que acabamos de referir, vejamos no I tomo, correspondente às sentenças de Séneca, como o autor apresenta as sentenças designadas *Prouerbia Senecae*, erroneamente atribuídas a Séneca mas cuja autoria se deve a Publílio Siro. Esta correção filológica, introduzida por Erasmo e reiterada por Granada neste I tomo mostra a aproximação destes dois humanistas.

Em suma, o domínio da ética do pensamento estoico consagrava-se uma das mais importantes tendências filosóficas no Renascimento, assimilado pela moral cristã, predileção justificada pelo potencial que estes autores representavam na síntese entre o pensamento clássico e o pensamento cristão<sup>53</sup>.

Traçados os principais fundamentos da estrutura externa da *Collectanea*, agora sob as coordenadas dos pressupostos estoicos e seguindo a taxonomia de Buisson, podemos encontrar a coerência interna deste repositório enciclopédico de sentenças e apotegmas. A *Virtus* é um *topos* estruturante em toda a obra pela fertilidade filosófica, pela polissemia filológica e pela sua perenidade moral e humanista. Se quisermos objetivar este facto, através de um tratamento estatístico das sentenças vemos que no I tomo as sentenças correspondentes aos vícios e virtudes ocupam 65% (118 sentenças), no II tomo 79% (209 apotegmas), no III tomo representam 61% com (274 apotegmas). Estes valores *per se* não têm validade se não na mundividência global da obra.

---

<sup>51</sup> Soares, 1994: 29

<sup>52</sup> Valverde Abril 2012: 1186: «La presencia de Erasmo en la *Collectanea* es más que notoria, tanto en su aspecto material como en el conceptual, ya sea unas veces para aceptar las ideas de Erasmo, como en otras ocasiones para refutarlas.»

<sup>53</sup> Vide *studia varia*: Zanta 1914, réimpr.1975; Babut 1969: 37 e sq.; Armisen-Marchetti 1989; Fuhrmann 1964.



Sabemos que cada um dos tomos apresenta autonomia sem que a lógica argumentativa e filosófica fique comprometida mas interessa-nos, fundamentalmente, analisar qual a sua coerência e coesão internas. Nesse sentido e libertando-nos do espartilho da divisão ternária dos tomos, podemos aproximar e tipificar os vários *themata* a partir das afinidades epistémicas que revelam. Encontramos assim a seguinte taxonomia como possível chave de leitura da obra: i) binómios dialéticos ou agónicos, ii) binómios contíguos, iii) binómios de *consecutio*, iv) binómios axiológicos.

Dentro do primeiro grupo, podemos ainda subdividir em binómios com a mesma raiz etimológica – *Nobiles/Ignobiles*<sup>54</sup> – e com diferente raiz etimológica – *Virtus/Peccatum*<sup>55</sup>. No segundo grupo, que designámos por binómios contíguos, temos também a mesma diferenciação etimológica: com a mesma raiz – *senex/senectus*<sup>56</sup> – e com diferente raiz – *gloria/honor*<sup>57</sup>. Pertencentes a um grupo de binómios de *consecutio* temos pares como *Pater/Filius*<sup>58</sup> e no último grupo, que designámos por binómios axiológicos, encontramos *amicitia uera et falsa* entre outros<sup>59</sup>.

### III. PARA O SENTIDO UNIVERSAL DO HUMANO: *VITA, MORS, TEMPVS, FELICITAS*

«Esperamos, pois, Bloom, que cresças e que crescendo vás direto à realidade e não pares. Porque não basta encostares-te aos acontecimentos, o que pensámos para ti é bem mais profundo, não basta conheceres sete teorias, terás que subir as sete altas montanhas. E atravessar ainda os continentes como se a terra fosse uma extensão temporal capaz de medir os teus dias»

**Gonçalo M. Tavares**  
*Uma Viagem à Índia*

A atualidade e perenidade desta *Collectanea* residem na multiplicidade de leituras que sugere, ajustáveis e adaptáveis a qualquer tempo, por se deter em temas tão profundos e universais para o sentido do Humano. Desta forma, ainda que tenhamos assumido como chave de leitura da estrutura interna as

---

<sup>54</sup> *Fama/Infamia, Prudentia/Imprudencia, Iustitia/Iniustitia, gratitudo/ingratitude, sobrietat/ebrietat, patientia, impatientia, temperantia/intemperantia, constantia inconstantia, obedientia/inobedientia, benevolentia/malevolentia.*

<sup>55</sup> *Magnanimitas/pusillanimitas; timor/audacia, inertia/diligentia, auaritia/prodigalitas; pulchritudo/deformitas; mansuetudo/ira, uita/mors, Luxus/abstinentia, homo/mulier.*

<sup>56</sup> *Sapiens/sapientia; nobiles/nobilitas; amicitia/amicus/nobiles/nobilitas*

<sup>57</sup> *Pudor/uerecundia; pax/concordia; otium/inertia/exemplum/imitatio; temperantia/perseuerantia*

<sup>58</sup> *Doctor/auditor; Rex/ princeps; Iudex/magistratus; Adolescentia/senectus; Admonitio/castigatio; Vitium/peccatum; Deus/Christus; Pueritia/adolescencia; Magister/discipulus.*

<sup>59</sup> *De uera et falsa gloria, Libertas uera et falsa, itemque uera et falsa seruitus, Tranquillitas uera et falsa, Felicitas uera et falsa, Vera et falsa uirtus, Conscientia bona et mala.*

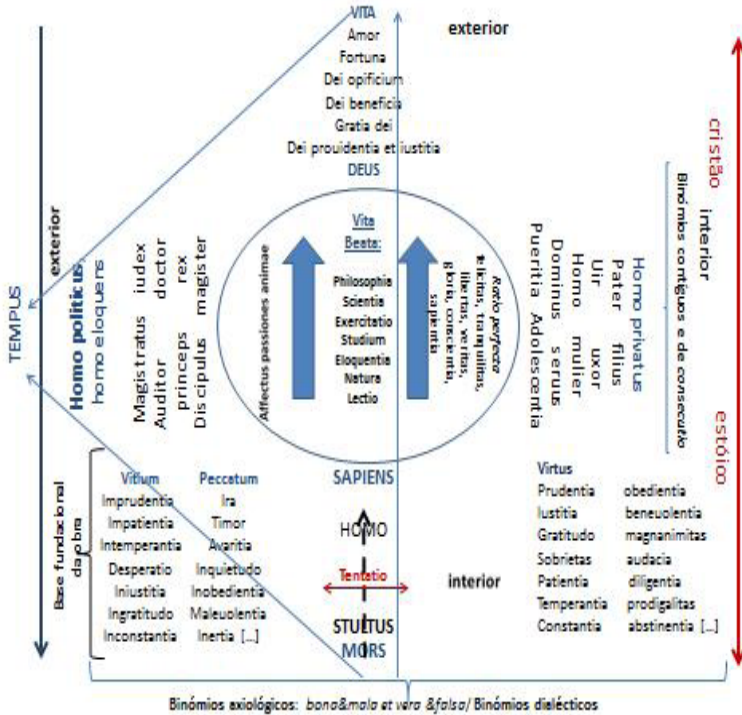
várias tipologias de binómios apresentadas, sabemos que mais importante do que alcançar a sabedoria é todo o caminho de superação e progressão que nos conduz até ela. Apesar de Frei Luís de Granada dicotomizar a natureza humana em conceitos dialéticos de bom/mau, verdadeiro/falso, vício/virtude, pretende revelar à contraluz o facto do Homem nunca se posicionar estritamente em nenhum destes polos. Abre-se, assim, um espaço intermédio para a reflexão e um campo de ação para o indivíduo, que sendo um agente demiurgo tem liberdade de escolha e de atuação. Podemos ainda considerar a leitura da obra segundo algumas tríades exemplificativas desta filosofia de *continuum*, de aprendizagem, de progressão e superação: i) *Sapientia/Philosophia/Felicitas*; ii) *Virtus/Tentatio/Peccatum*; iii) *Deus/Sanctus/Christus*; iv) *Pueritia/Adolescentia/Senectus*; v) *Vita/Tempus/Mors*.

Mesmo reconhecendo a propensão dialética e ambivalente do Homem, o programa granadino não alimenta a pretensão de algum dia se poder controlar definitivamente o *affectus* e as *passiones animi*. De forma elegante e clarividente, intensifica-se a precaridade do Homem, na sua condição frágil de objeto do tempo e por isso é que *Vita*, *Mors* e *Tempus* se convertem nos baluartes desta *Collectanea Moralis Philosophiae*. A infância consome os primeiros anos, a adolescência apodera-se da infância e a velhice da juventude, por isso, aprender a ser sábio é aceitar este fluir da vida com a resignação e resiliência de que não se perde o que nunca se teve. Não podemos prolongar a vida, apenas melhorar a sua qualidade, como nos confirma Granada pela voz de Séneca: no teatro não importa a duração da peça mas sim a qualidade da sua representação.

A *Collectanea Moralis Philosophiae* é um espelho que reflete o quão incauto e insensato é o Homem, quando se deixa entorpecer por desejos efémeros e ambições desmedidas, quando escolhe prioridades torpes e é movido pela ansiedade e angústia de uma alma titubeante. Também as folhas caem para outras poderem nascer, um ciclo intravável e incontrolável, fazendo com que morte e vida sejam indissociáveis, enquanto falamos sobre a mudança, ela está a operar-se e mudamos, irremediavelmente, com ela. A ilusão persiste na crença de que o tempo é nosso e por isso o desperdiçamos tão negligentemente: durante grande parte da vida agimos mal, durante a maior parte não agimos nada e durante toda a vida agimos inutilmente. A verdade e a lucidez da mensagem do Dominicano germinam neste itinerário ético-moral, na conquista pelo valor essencial e puro da existência, nesta agonia entre a memória e o esquecimento, que define a nossa identidade.

Em suma, a *Collectanea* é um caleidoscópio da natureza humana, que intensifica os traços da realidade para melhor a representar e desta forma, Frei Luís de Granada é o perfeito arquétipo intelectual, comprometido com a difícil procura pela síntese da formação humanista: um teólogo consumado, um insigne dominicano, um pregador assombroso, um publicista fecundo, um místico perfeito, um asceta reconhecido, um diretor admirável do espírito humano,

político sincero, gramático entendido, filósofo e investigador: um clássico renascentista com projeção na modernidade e em qualquer outro tempo no qual seja acolhido<sup>60</sup>. Afinal, só pode ser este e não outro, o sentido universal do Humano, a sua única integralidade e integridade.



Quadro sistematizador da estrutura conceitual e filosófica da *Collectanea Moralis Philosophiae*

<sup>60</sup> Soria Ortega 1992: 10-22.

## BIBLIOGRAFIA

- ALONSO DEL CAMPO, Urbano (1993), “Fray Luis de Granada y la estética del lenguaje.” in García del Moral; Urbano Alonso (eds.) *Fray Luis de Granada. Su obra y su tiempo, Actas del Congreso Internacional. Granada 27-30 septiembre 1988*. Granada, vol. I, 167-181.
- AMATE BLANCO, Juan José (1988), “La preocupación lingüística en fray Luis de Granada”, in Dominicos de Andalucía (org.) *Fray Luis de Granada, IV centenario 1588/1988*. Universidad de Granada: 149- 160.
- (1992), “El padre Granada en la literatura espiritual del XVI” in *Documentos A. Genealogia Científica de la Cultura*, 42-45.
- ARAGÜES ALDAZ, José (1993), “Colecciones de *exempla* y oratoria: la labor del compilador” in José María Maestre Maestre, Luis Charlo Brea, Joaquín Pascual Barea (coord.) *Humanismo y Pervivencia del Mundo Clásico – Actas del I Simposio sobre humanismo y pervivencia del mundo clásico*. Cádiz, 251-267.
- AULOTTE, Robert (1965), *Amyot et Plutarque, la tradition des Moralia au XVIe Siècle*. Genève.
- AZORIN (pseud. Martínez Ruiz, José) (1958), *De Granada a Castelar*. Madrid.
- (1946), *Los dos Luises y otros ensayos*. Buenos Aires.
- BATAILLON, Marcel (1966), *Erasmus y España, Estudios sobre la historia espiritual del siglo XVI*. México.
- BORGES, Célia Maia (2009) “As obras de Frei Luís de Granada e a espiritualidade do seu tempo: a leitura dos escritos granadinos nos séculos XVI e XVII na Península Ibérica”, in *Estudios Humanísticos. Historia* 8: 135-149
- BRENTANO, Mary Bernarda (1969), *Nature in the works of Fray Luis de Granada*. Washington.
- BUISSON, F. (1968), *Répertoire des ouvrages pédagogiques du XVI siècle*. Paris.
- CARO, Eduardo (1888), “El tercer centenario V.P. Maestro Fr. Luis de Granada, relación de su vida, sus escritos y sus predicaciones”, in *Publicación quincenal des Artes, Letras y curiosidades granadinas*. Madrid, Imprenta de Bernardo Bartuilli y García.
- CORTE-REAL, João Afonso (1952), *Um célebre pregador espanhol em Portugal: Frei Luís de Granada*. Coimbra.
- CUERVO, Fr. Justo (1895), *Biografía de Fr. Luís de Granada con unos artículos literarios donde se muestra que el venerable Padre y no San Pedro de Alcántara es el verdadero y único autor del Libro de la Oración*. Madrid.
- D'ANGERS, Julien Eymard (1976), “Les Citations de Sénèque dans les sermons

de Louis de Grenade”, in L. Antoine (ed.) *Recherches sur le Stoïcisme aux XVIe et XVIIe siècles*. New York, 06-124.

DIAGO, Francisco (1608), *Histoire de la vie exemplaire du célèbre personnage Louis de Grenade*, traducido do espanhol por R.P.F.-G. Martins. Paris.

GONZÁLEZ VÁZQUEZ, José (1996), “Valoración de la producción latina del renacimiento granadino”, in José González Vázquez, Manuel López Muñoz, Juan Jesús Valverde Abril (coord.) *Clasicismo y Humanismo en el Renacimiento granadino*. Publicaciones de la Universidad de Granada, 317-341.

——— (1997) “Importancia determinante de la influencia de Séneca en la *Collectanea* de Fray Luis de Granada” in Miguel Rodríguez Pantoja Márquez (coord.), *Séneca, dos mil años después - Actas del Congreso Internacional del Bimilenario de su nacimiento*, 653-656.

GRANADA, Fray Luis de (1999), *Obras completas*. Madrid.

HERRERO SALGADO, Félix (1993), “La *Rhetorica Ecclesiastica* de fray Luis de Granada y las retóricas cristianas del Siglo de Oro.” in García del Moral, Alonso del Campo (eds.) *Fray Luis de Granada. Su obra y su tiempo, vol. I. Actas del Congreso Internacional, Granada 27-30 septiembre 1988*. Granada, 265-302.

HORNERO, Calixto (1777), *Elementos de Retórica con ejemplos latinos de Cicerón y castellanos de Frei Luís de Granada para uso de las Escuelas Pías*. Valencia.

HUERGA, Álvaro (ed.) (1997), *Fray Luis de Granada - Obras Completas XVI Biografías I e II*, Madrid, Fundación Universitaria Española Dominicos de Andalucía.

——— (1973), *Predicadores, Alumbrados e Inquisición en el Siglo XVI*. Madrid.

——— (1993), “Fray Luis entre mística, alumbrados e Inquisición.” in *Fray Luis de Granada. Su obra y su tiempo, vol. II. Actas del Congreso Internacional, Granada 27-30 septiembre 1988*. Granada, 289-306.

JERECZEK, Bruno (1971), *Louis de Grenade disciple de Jean d'Ávila, Thèse pour le doctorat présentée à la Faculté des Lettres et Sciences Humaines de l'Université de Paris*. Paris.

KRISTELLER, Paul Oskar (1961), *Renaissance thought, the Classic, Scholastic and Humanist Strains*. New York.

LAÍN ENTRALGO, Pedro (1988), *La Antropología en la Obra de Fray Luís de Granada*. Madrid.

LÓPEZ MUÑOZ, José Manuel (2000), *Fray Luis de Granada y la Retórica*. Almería.

\_ (1996), “Aproximación a la obra latina de fray Luís de Granada” in López Muñoz, Manuel – Valverde Abril, J.J. – González Vázquez, J. (eds.), *Clasicismo y humanismo en el Renacimiento granadino*. Universidad

de Granada, 289-306.

- (2009), *Los seis libros de la Retórica Eclesiástica de fray Luis de Granada*, Edición bilingüe y estudio preliminar. Logroño, Instituto de Estudios Riojanos, Colección Quintiliano de Retórica y Comunicación.
- (1997), “Pervivencia de la Retórica de fray Luis de Granada”, in Maestre Maestre, J.M. *et alii* (eds.) *Humanismo y pervivencia del mundo clásico. Homenaje al profesor Luis Gil*. Cádiz, vol. II.1, 315-324
- (1993) “Fray Luis de Granada y los géneros retóricos”, in Maestre Maestre, J.M. *et alii* (eds.), *Humanismo y pervivencia del mundo clásico*. Cádiz. Vol. 2, 591-600.
- LÓPEZ POZA, Sagrario (1992), “Circunstancias y Contexto de la Retórica Eclesiástica y la Silva de lugares comunes”, in *Documentos A. Genealogía Científica de la Cultura 4*, 102-107.
- MACHADO, Diogo Barbosa (1965-1967), *Bibliotheca Lusitana: histórica, crítica e cronológica*. Coimbra.
- MARTÍN RAMOS, Nicasio (2003) “Aproximación a la vida, obra y espiritualidad de Fray Luís de Granada”, in *Communio: revista semestral publicada por los Dominicos de la provincia de Andalucía*, Vol. 36, nº. 1: 5-147.
- MOREAU, Pierre-François (dir.) (1999), *Le Stoïcisme au XVIe et au XVIIe siècle – le retour des philosophies antiques à l’âge classique*. Paris.
- MUÑOZ, Luís (1639), *Vida y Virtud del Venerable Varón el Padre Maestro Fray Luís de Granada de la Orden de Santo Domingo, al ilustrísimo señor Don Enrique Pimentel Obispo de Cuenca del Consejo de su Majestad*. Madrid.
- PÉREZ DE CAMINO, Julián de Cos (2009), *La espiritualidad naturalista de Fray Luís de Granada: la contemplación de Dios en la naturaleza en la Introducción del símbolo de la Fe*. Madrid.
- RODRIGUES, Maria Idalina Resina (1988), *Fray Luís de Granada y la literatura de espiritualidad en Portugal*. Madrid.
- (1987), “Luís de Granada, Bartolomeu dos Mártires e Luís de Sousa: o relacionamento através dos textos” in *Estudos Ibéricos – Da Cultura à Literatura Séculos XII a XVII*, Diálogo Fronteiras Abertas. Lisboa, 327-349.
- SIMONET Y BACA, Francisco Javier (1889), “Recuerdo del tercer centenario de la muerte del V. P. Maestro Fr. Luis de Granada” in *Boletín del Centro Artístico de Granada, publicación quincenal de Arte, Letras y curiosidades granadinas, número extraordinario publicado en motivo del III centenario de la muerte de Fray Luís de Granada*, nºs 55 e 56. Granada.
- SOARES, Nair de Nazaré Castro (1993), “A Literatura se Sentenças no Humanismo Português: *res et verba*», in Centro de Estudos Clássicos e

Humanísticos (org.) *Separata Actas Humanismo Português na Época dos Descobrimentos*. Coimbra, 377-410.

——— (1992) “Humanismo e História: *ars scribendi* e o valor do paradigma”, in *Sep.de Mátthesis* 1:153-169.

SORIA ORTEGA, Andres (1992) “La Clasicidad de Fray Luis de Granada (Apuntaciones), in *Documentos A. Genealogia Científica de la Cultura*, 10-22.

Steiner-Weber, Astrid ed. (2012) *Acta Conventus Neo-Latini Upsaliensis*. Leiden, vol. 1, 1178-1187.

TURRADO, A. “El estilo literario de Fray Luis de Granada.” in García del Moral; Alonso del Campo eds. (1993), *Fray Luis de Granada. Su obra y su tiempo, Actas del Congreso Internacional, Granada 27-30 septiembre 1988*. Granada, 159-166.

VALVERDE ABRIL, Juan José (2012) “Fray Luis de Granada, la *Collectanea* y Erasmo”, in Astrid Steiner-Weber (ed.) *Acta Conventus Neo-Latini Upsaliensis*. Leiden, vol. 1: 1178-1187.